Caminhar em contramão – (Memória de Mamute, II)

Em Março de 2019 (tivesse sido no ano seguinte e a história seria outra, ou melhor não seria nenhuma, não haveria nada para contar) embarquei numa viagem de cinco semanas, sem a garantia de, no retorno, continuar em Budapeste. A regressar, isso era certo, almejava viver em Buda; ou na tal parte de Peste com trejeitos de Buda.

Naturalmente, o desejo tornou-se realidade. Arrendei um apartamento no II, um dos bairros onde Buda é mais Buda que noutros bairros de Buda. Quando digo naturalmente, não o pretendo dizer com lisonja ou arrogância. Apenas remeter à confiança e clareza com que comunicava na época. Em poucas palavras, sabia o que queria; as pessoas, mais ou menos conscientemente, querem estabelecer relações, pessoais ou de negócio, com quem se apesenta plenamente presente.

Falando em presenças. Aqui o *Budaboy* não tinha praticamente amigos na cidade. A maioria partira para outras paragens ou virara-me costas sem deixar oportunidade de resposta. O único entretenimento era o Tinder e afins; num primeiro momento, pode dar ideia de um quotidiano divertido, mas – acreditem – era feito de desafios diários.

Como disse, fixei-me no bairro II, um dos maiores bairros da cidade. Convém acrescentar que intencionalmente me encontrava a poucos minutos do elétrico 4/6, para o caso de sentir falta do centro. A atenção, no entanto, virou-se para outro lado, preferindo, por exemplos, gozos tão singelos quanto avistar o castelo da varanda; ainda que o dito ficasse no bairro I, o fato de se encontra ao alcance da vista, tornava-o meu vizinho e forçosamente parte do II, por mais que as cartografias oficiais corroborassem o contrário.

No terraço do ginásio, além do castelo, avistava o parlamento e o aglomerado verde de Buda, conjunto paisagístico que eu assumia como posse e simultaneamente me possuía, conduzindo-me a intempestivos acessos de nostalgia. No fundo, eu antevia o um dia em que teria saudades daqueles desprendidos momentos, comportando-me como um mamute (roubo a metáfora ao nome do centro comercial lá do sítio) que se aceita em vias de extinção e encara a desdita com o traquejo dos estoicos.

Semelhante sentimento tive antes e durante a pandemia (quando se poderá dizer depois desta porra?) na rua Lövőház. Jamais experienciei nenhum dos prazeres no efetivo tempo presente, fosse beberricar um *fröccs* numa esplanada, desgustar um *kürtőskalács* com *ponche* (jamais esquecerei os grupos de gente a beber em Novembro em Dezembro, transformando Lövőház na nova Király) ou o queijo de cabra frito, irrigado com mel, cozinhado por malta da Transilvânia (entretanto, abriu um restaurante Bielorusso; desculpem, não conta para a diversidade, demasiado incolor para o arco-íris).

Querem variedade? Olhem, vão para o *körút*. Anda por lá um camaleão, chamado *Jégkert*, que é pista de patinagem no gelo no Inverno e vira *Ruin Pu*b no Verão.

Até à data, cinjo-me ao Országút, uma das inúmeras partes do II. Na praça Szél Kálmán, além de se respirar os ares puros da Europa Continental, sem quaisquer contaminação ou micróbios (qualquer coisa contra, ponham a máscara e calem-se), pode-se apanhar um dos elétricos para as colinas de Buda ou então o dezassete, com paragem na sinagoga Frank Leo, um dos templos mais *kitsch* de que guardo memória.

Novamente em nome do multiculturalismo, temos as termas Király e que remontam à ocupação Otomana, e a tumba dum turco chamado Gül Baba.

Se a fome persiste, temos bom remédio. Ainda no II, junto ao Danúbio, sugiro o meu Trófea preferido, com a habitual comida

(e champanhe) à discrição, acrescentada de um piano a transformar a atmosfera numa autêntica cerimónia; estava fechado quando me mudei para Cork, porventura reabre quando se acabar com o covid?

Nunca acabarei é de narrar a benção de, durante dois anos, morar num bairro como o II. No segundo ano, por conta da tal coisa que teima em não terminar, passei a esmagadora maioria do tempo em casa e na varanda com vista para o castelo; Budapeste tornou-se-me o bairro II, eu num mamute milenário. (Uma última referência, digo vénia, às *e-árvores* inteligentes do parque Millenáris, servindo de aquecedor nas estações frias e fazendo sombra no estio).